

Fragilidades construídas: gênero e suscetibilidade às 'bexigas' na Idade Moderna

Poliana Orosa*



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo examina a interseção entre gênero e a suscetibilidade à varíola durante a Idade Moderna, destacando como as construções sociais e culturais influenciaram as experiências e percepções das mulheres em relação à doença. A varíola, endêmica na Europa a partir do século XV, não apenas representou riscos significativos à saúde, mas também moldou dinâmicas sociais, especialmente no que diz respeito aos papéis e identidades femininas. Por meio de uma análise de textos históricos e práticas médicas, o estudo revela como as normas de gênero predominantes e as teorias médicas, enraizadas na medicina humoral, contribuíram para a estigmatização e marginalização das mulheres. Em última análise, esta pesquisa ressalta a importância de compreender as dimensões sociais das doenças e as maneiras pelas quais as experiências de gênero moldaram as narrativas de saúde pública ao longo da história.

Palavras-chave: Gênero; Varíola; Idade Moderna.

Submetido: 30/01/2025

Aceito: 10/04/2026

* Poliana Orosa é historiadora, mestre em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e atualmente doutoranda na mesma instituição, com bolsa CAPES. Sua pesquisa concentra-se na história da medicina e das epidemias na América Portuguesa, com destaque para os estudos sobre a varíola entre os séculos XVI e XVIII. É autora do livro *Caminhos da cura: epidemias de varíola na América Portuguesa (1560-1750)* e possui artigos publicados na área. E-mail: poliana.orosar@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-7607-9643>.

Constructed fragilities: gender and susceptibility to smallpox in the Modern Age

Poliana Orosa 

Federal University Of The State of Rio de Janeiro

Abstract

This article examines the intersection of gender and susceptibility to smallpox during the Early Modern period, highlighting how social and cultural constructions influenced women's experiences and perceptions of the disease. Smallpox, endemic in Europe from the 15th century onwards, not only posed significant health risks, but also shaped social dynamics, especially with regard to female roles and identities. Through an analysis of historical texts and medical practices, the study reveals how prevailing gender norms and medical theories, rooted in humoral medicine, contributed to the stigmatization and marginalization of women. Ultimately, this research highlights the importance of understanding the social dimensions of illness and the ways in which gendered experiences have shaped public health narratives throughout history.

Keywords: Gender; Smallpox; Modern Age.

Fragilidades construídas: gênero y susceptibilidad a la viruela en la Edad Moderna.

Poliana Orosa



Universidade Federal do Estado de Rio de Janeiro

Resumen

A partir de la identificación de un número equivalente de viajes marítimos en dos rutas coloniales portuguesas de los siglos XVIII y XIX, este texto presenta un diálogo entre las evidencias relativas a barcos y mercancías en tránsito desde Lisboa (Europa) hasta Macao (Asia) y Paraíba (América). Al observar, mediante un muestreo, la diferencia entre las mercancías transportadas y las distancias recorridas, el texto pretende destacar las distintas necesidades y formas de organización del comercio marítimo de larga distancia en una ruta larga y una relativamente corta durante el período en cuestión. Las fuentes de los archivos portugueses y la búsqueda de los nombres de las embarcaciones revelaron su inmenso potencial para la investigación sobre las especificidades de la navegación y la importancia de abordar la construcción de bases de datos seriadas para el avance del campo historiográfico.

Palabras clave: Género; Viruela; Edad Moderna.

Introdução

A varíola, uma doença causada pelo vírus *smallpox*, se tornou endêmica no continente europeu a partir do século XV. No século seguinte, com a moléstia já estabelecida na área, epidemias passaram a se tornar mais frequentes.¹ A doença podia causar diversos sintomas, como febre, dor de cabeça e outros, mas o sintoma mais característico eram as erupções cutâneas. Essas pústulas podiam acarretar sequelas posteriores, como a perda de visão, a perda dos cabelos e a desfiguração.² A enfermidade foi, no entanto, muito associada à infância no continente europeu, já que quem sobrevivia tinha imunidade vitalícia. Mesmo assim, a alta de adultos suscetíveis podia ocasionar epidemias.³

Nesse sentido, a varíola adquiria um papel singular para as mulheres, já que podia afetar sua aparência física e atingir seus filhos. Para estudar esse fenômeno, é importante se atentar a dois princípios relevantes para a história das doenças e da mulher. A primeira questão é que as doenças impactam diretamente o social, se comportando e incorporando aspectos daquela sociedade na compreensão e percepção da enfermidade. O que afeta, por sua vez, como esta é combatida e gerenciada.⁴ Um bom exemplo disso está no trabalho de Sidney Chalhoub⁵, onde vemos a forte associação entre a varíola e a população negra e escravizada. A outra é ressignificar a história das mulheres, como propôs Louise Tilly, pensar as mulheres não de maneira isolada, mas como parte integrante dessas estruturas sociais.⁶ Para tal, é de suma importância relevar as estratégias de dominação que sustentam a construção binária dos sexos, tanto em documentos históricos quanto na análise historiográfica contemporânea.⁷

Para dar conta desses objetivos, optou-se por um recorte metodológico que privilegia a análise comparativa entre fontes produzidas em Portugal e na Inglaterra. Essa escolha decorre da própria temática de pesquisa, uma vez que este estudo se insere em uma investigação mais ampla sobre a varíola nos contextos português e inglês no período moderno, examinando suas

¹ OROSA, P. R. *Caminhos da cura: epidemias de varíola na América Portuguesa (1560-1750)*. Jundiá, São Paulo: Paco, 2024, p. 28-29.

² OROSA, 2024, p. 22.

³ OROSA, 2024, p.28-29.

⁴ ROSENBERG, Charles. *Framing disease: Illness, society and history*. In: ROSENBERG, Charles. *Explaining epidemics and other studies in the history of medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

⁵ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

⁶ TILLY, Louise A. *Gênero, história das mulheres e história social*. *Cadernos Pagu*, (3), 1994, p. 41.

⁷ VARIKAS, Eleni. *Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott*. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 3, 2007, p. 67-68.

circulações, práticas médicas e representações sociais. A comparação justifica-se, assim, por dois motivos: primeiro, pela centralidade que a Inglaterra ocupou nos debates sobre a variolização a partir do século XVIII, especialmente em torno da atuação de Lady Mary Wortley Montagu e da Royal Society; segundo, pela riqueza e acessibilidade do acervo lusitano, em particular o dicionário de Raphael Bluteau e os tratados médicos de Simão Pinheiro Morão e Jacob de Castro Sarmiento, que permitem examinar as concepções sobre gênero e doença em um contexto ibérico. Não se trata, portanto, de estabelecer uma hierarquia entre tradições científicas, mas sim de explorar as especificidades e tensões presentes em cada uma delas.

Esta pesquisa dialoga também com uma historiografia consolidada que investiga as interseções entre gênero, medicina e corpo na Idade Moderna e Contemporânea. No contexto brasileiro, os trabalhos de Ana Paula Vosne Martins têm sido fundamentais para compreender como os discursos médicos produziram e naturalizaram hierarquias de gênero, especialmente em torno da fragilidade feminina e da maternidade.⁸ Em perspectiva transatlântica, as análises de Cynthia Russett sobre a construção científica da diferença sexual e os estudos de Fabíola Rohden sobre a medicalização do corpo feminino.⁹ oferecem análises importantes para pensar como a varíola, enquanto doença que deixava marcas visíveis, foi interpretada à luz de pressupostos que associavam o feminino à aparência e à moralidade. Ao examinar fontes lexicográficas e tratados médicos dos séculos XVII e XVIII, o presente artigo busca contribuir para esse campo, evidenciando como, antes mesmo da consolidação da ginecologia como especialidade, as concepções sobre o corpo feminino já estavam profundamente entrelaçadas com as interpretações etiológicas das doenças.

Assim, além de enfrentarem o impacto direto da doença em seus corpos, as mulheres foram significativamente afetadas pelas expectativas sociais e pelos papéis de gênero da época. Paralelamente, as marcas físicas deixadas pela doença, como as cicatrizes, impactavam diretamente sua posição social e matrimonial, em uma sociedade onde a aparência desempenhava papel crucial na avaliação do valor feminino. Este texto busca analisar essas múltiplas dimensões, evidenciando como as epidemias de varíola exacerbaram as desigualdades de gênero e moldaram a vivência feminina na Idade Moderna. Para tal, é importante lembrar que estamos tratando de mulheres em condições sociais elevadas e brancas. Já que em outros

⁸ MARTINS, Ana Paula Vosne. *Gênero e assistência: considerações histórico-historiográficas sobre práticas e representações*. Cadernos Pagu, Campinas, n. 32, p. 421-446, jan./jun. 2009.

⁹ RUSSETT, Cynthia Eagle. *Sexual Science: The Victorian Construction of Womanhood*. Cambridge: Harvard University Press, 1989; ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

contextos, como o da escravidão, a enfermidade apresentou outros contornos para os indivíduos afetados.¹⁰

A mulher na Idade Moderna

Mas o que significava ser mulher na Idade Moderna? Para responder a essa questão, esta pesquisa se concentra em compreender as particularidades dessa experiência em Portugal e na Inglaterra, considerando o recorte temático e temporal estabelecido. Dessa maneira, recorreremos à própria definição da época sobre o que significava ser mulher, a partir de alguns dicionários publicados no período estudado. Destaca-se que, ao realizar o filtro dessa busca, optei por restringir os resultados unicamente ao termo “mulher”.

O primeiro dicionário consultado foi o *A New English Dictionary*, publicado em 1739 por John Kersey.¹¹ Este dicionário é uma continuação do trabalho de Edward Phillips, que havia publicado o *The New World of Words* em 1658.¹² No entanto, ao buscar pelo termo *woman*, não foi encontrada nenhuma definição em ambos os dicionários. A busca seguinte foi feita no *An Universal Etymological English Dictionary* de Nathan Bailey, publicado pela primeira vez em 1721 e reeditado em 1763, que contém a seguinte definição: “*A WOMAN [...] the Female of Human Race*”.¹³ Essa é a mesma definição encontrada em outro dicionário inglês, *A complete English dictionary: containing an explanation of all the words made use of in the common occurrences of life, or in the several arts and sciences*, publicado em 1765, pelo reverendo Francis Allen.¹⁴ Já ao consultar o dicionário lusitano *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico...* publicado por Raphael Bluteau entre 1712-1728, encontra-se a seguinte definição para a mulher:

¹⁰ HOOKS, Bel. *Mulheres Negras: moldando a teoria feminista*. In: Teoria Feminista. São Paulo: Autentica, 2019, p. 194/197.

¹¹ KERSEY, John. *A new English dictionary: or, a compleat collection of the most proper and significant words, and terms of art, commonly used in the language*. ... The fourth edition, carefully revised: with many important additions and improvements. Londres: Printed for J. and J. Bonwicke, at the Red-Lion, in St. Paul's Church Yard, and H. Knaplock, 1739.

¹² PHILLIPS, Edward. *The New World of English Words, or, a General Dictionary*. 3ª edição. Londres: Printed for E. Phillips, at the Kings-Arms in S. Paul's Church Yard, 1720.

¹³ “UMA MULHER [...] a fêmea da raça humana”. Tradução minha. In: BAILEY, Nathan. *An universal etymological English dictionary*. London: Printed for T. Osborne, 1763, p. 932.

¹⁴ ALLEN, Francis. *A complete English dictionary: containing an explanation of all the words made use of in the common occurrences of life, or in the several arts and sciences*. London: Printed for J. Wilson and J. Fell, at the Angel, in Pater-Noster-Row, 1765, p. 448.

MOLHER, ou mulher. Creatura racional do sexo feminino. Concebe dentro de si, e pare. Escreve Salomão, que entre mil homens achàra hum bom, entre todas as mulheres nenhuma boa; Diphilo, famoso Architecto da Antiguidade, costumava dizer, que huma boa mulher, huma boa mula, e huma boa cabra, erão três más bestas. Dizia Socrates, que hua mulher ser mosa, e bem composta, era hum altar armado sobre hum monturo. Ex Diog. Lartio. Democrito, Philosopho de alta estatura, perguntado porque razão casàra com mulher pequenita, respondeo: Do mal, o menos. Faz Tacito menção de huma ley, que prohibia aos Romanos, que levassem consigo suas mulheres para as terras, que hião governar. Não permittião os Athenienses, que suas mulheres fizessem compra alguma, que excedesse o preço de certa medida de cevada [...] Com tudo tem a mulher suas prerogativas. Do lugar do seu nascimento se podem tirar provas da sua nobreza, foi creada no Paraiso Terrea, e foi a materia do seu corpo mais solida que a do homem. [...] Ainda que depois do peccado foi a mulher sogeita ao dominio do homem: Ipse dominabitur tui; chamava Abrahão a sua mulher, irmã; a propria fragilidade do sexo, pede que se trate com mais mimo e respeito [...] O que mais se condena na mulher, he não saber calar o que sabe, mas quantos homens ha no mundo, que não guardão o segredo, senão do que ignorão? [...].¹⁵

As referências mobilizadas por Bluteau: Salomão, Abraão, Sócrates, Diphilo, entre outros, não são meros juízos de valor isolados, mas integram uma tradição intelectual que remonta à Antiguidade clássica e à tradição judaico-cristã. Tais autores eram frequentemente evocados nos debates científicos, jurídicos e teológicos da Idade Moderna para fundamentar concepções sobre a natureza feminina. Salomão, figura bíblica associada à sabedoria, é citado por Bluteau para afirmar a superioridade moral masculina: “entre mil homens achàra hum bom, entre todas as mulheres nenhuma boa”.¹⁶ Sócrates, por sua vez, é evocado para associar a beleza feminina à impureza moral, ao comparar uma mulher bem composta a “hum altar armado sobre hum monturo”.¹⁷ Já Abraão, patriarca bíblico, é mencionado para exemplificar a submissão feminina, uma vez que chamava sua mulher de “irmã”, expressão que Bluteau interpreta como sinal de respeito, mas que também inscreve a mulher em uma relação de dependência e tutela.¹⁸

¹⁵ BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico ...: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. João V.* Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu : Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728, p. 545-546.

¹⁶ BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico ...: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. João V.* Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu : Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728, p. 545

¹⁷ BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico ...: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. João V.* Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu : Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728, p. 545.

¹⁸ BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico ...: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D.*

Como demonstra António Manuel Hespanha em *Imbecilias*, a construção da inferioridade jurídica e intelectual da mulher no Antigo Regime valia-se justamente desse repertório de autoridades, que associava o feminino à fragilidade, à instabilidade emocional e à necessidade de tutela masculina.¹⁹ Ao reproduzir essas citações, Bluteau não apenas registrava opiniões dispersas, mas consolidava um discurso de autoridade que circulava em diferentes domínios do saber, da medicina à teologia moral.

O termo “mulher” nas definições lexicográficas dos séculos XVII e XVIII revela não apenas os conceitos linguísticos da época, mas também as representações sociais e culturais relacionadas ao sexo feminino. Ao se consultar dicionários históricos, como o *A New English Dictionary* de John Kersey²⁰ e o *An Universal Etymological English Dictionary* de Nathan Bailey²¹, é possível observar uma definição comum para “*Woman*”, qual seja: a “fêmea da raça humana”.²² Essa definição, embora simples, reflete uma visão biológica da mulher, sem expandir para outras dimensões do ser feminino, como aspectos culturais, sociais ou até mesmo legais. Além disso, observa-se a ausência de qualquer referência a uma identidade ou papel social específico da mulher nos dois primeiros dicionários consultados, o que pode indicar uma abordagem mais limitada do vocábulo, atrelada ao gênero biológico, sem reconhecimento de seu papel ativo e complexo na sociedade. Como preconizou Joan Scott, “as estruturas hierárquicas baseiam-se em compreensões generalizadas da relação pretensamente natural entre o masculino e o feminino”.²³ De forma semelhante, o *A complete English Dictionary* de Francis Allen mantém a definição encontrada no trabalho de Bailey, reforçando a ideia de uma mulher como sendo simplesmente “a fêmea da raça humana”²⁴. Esse ponto de vista aparentemente reduzido e simplificado pode ser compreendido dentro do contexto histórico de seu tempo, no qual as contribuições femininas para as ciências, arte, política e outros campos eram frequentemente marginalizadas ou minimizadas.

Contrariamente, ao se analisar o *Vocabulario portuguez, e latino* de Raphael Bluteau, é possível observar uma definição mais elaborada e, ao mesmo tempo, carregada de significados

Joaõ V. Coimbra, *Collegio das Artes da Companhia de Jesu* : Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728, p. 546.

¹⁹ HESPANHA, António Manuel. *Imbecilias: as bem-aventuranças da inferioridade nas sociedades de Antigo Regime*. São Paulo: Annablume, 2010, p. 127-130.]

²⁰ KERSEY, 1739.

²¹ BAILEY, 1763.

²² BAILEY, 1763, p. 932.

²³ SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade, v. 20, no 2, Porto Alegre: UFRGS, 1995, p. 26.

²⁴ ALLEN, 1765, p. 448.

culturais e sociais. Bluteau descreve a mulher como uma “criatura racional do sexo feminino” e menciona sua capacidade de conceber e parir, enfatizando a relação biológica da mulher com a reprodução.²⁵ Na sociedade moderna, uma das principais obrigações da mulher era o casamento, sendo o objetivo principal do matrimônio, a reprodução.²⁶ No entanto, o vocabulário de Bluteau também está repleto de juízos valorativos e estereótipos, com referências de filósofos e figuras históricas que associam as mulheres a um papel submisso, com limitações intelectuais e sociais. O autor do dicionário reproduz um discurso já presente nessa sociedade.²⁷

Bluteau faz referência a diversas citações de filósofos e pensadores da Antiguidade, como Diphilo, que considerava uma boa mulher uma “má besta”, ou Sócrates, que via a mulher como um “altar armado sobre um monturo”.²⁸ Tais citações, inseridas no contexto histórico e cultural da época, refletem uma visão dominante que tratava a mulher com desdém, sublinhando a desigualdade de gênero de maneira explícita. O fato de Bluteau também citar práticas sociais antigas, como a proibição de que as mulheres romanas acompanhassem seus maridos nas terras que governavam, e as restrições impostas pelas leis atenienses ao comércio feminino, denota uma compreensão de que, na época, o papel da mulher era restrito, principalmente à esfera doméstica e à reprodução.²⁹

A definição fornecida por Bluteau, apesar de conter elementos negativos, também reconhece a mulher como possuidora de prerrogativas e dignidade, dentro dos padrões da época. Ele destaca, por exemplo, que as mulheres eram vistas como figuras de nobreza, com seu nascimento ligando-as ao Paraíso terrestre e a um corpo mais sólido do que o do homem. Ainda que, após o pecado original, o domínio masculino tenha se imposto, o autor enfatiza que a fragilidade do sexo feminino exigia cuidado e respeito.³⁰ Sublinha-se assim o papel reprodutivo da mulher, que, por suas características biológicas, devia estar confinada no espaço doméstico e dedicar-se às tarefas familiares.³¹ Foi a mulher condenada “por causa dos cânones mentais misóginos imperantes, a ser um sujeito invisível”.³² As mulheres estavam reservadas os

²⁵ BLUTEAU, 1712-1728, p. 545-546.

²⁶ DUBY, Georges; PERROT, Michelle (coord). *História das Mulheres - Vol. 3: do Renascimento à Idade Moderna*. Edições Afrontamento, 1994, p. 83.

²⁷ SCOTT, 1995, p. 21

²⁸ BLUTEAU, 1712-1728, p. 545-546.

²⁹ DUBY; PERROT, 1990, p. 83

³⁰ BLUTEAU, 1712-1728, p. 545-546.

³¹ ROSSI, *Maria Antonietta. Mestras nos primeiros anos da nossa vida*. Caderno Espaço Feminino, [S.L.], v. 34, n. 1, 1 ago. 2021, p. 117-118.

³² ROSSI, 2021, p. 118

cuidados com a casa e a guarda das crianças, eram esses atributos considerados como essenciais de sua condição.³³

Esse contraste nas definições e nas representações da mulher nos dicionários da época reflete as complexas relações sociais e culturais que moldavam as percepções sobre o sexo feminino. Enquanto os dicionários ingleses tenderam a simplificar a mulher a uma categoria biológica, o vocabulário português de Bluteau apresenta uma visão mais multifacetada, que inclui elementos de crítica social, referências a figuras históricas e, ao mesmo tempo, uma tentativa de conferir à mulher um status de nobreza e respeito, ainda que em um contexto de submissão. Isso demonstra que, ao longo do tempo, as definições de termos como “mulher” não são apenas produtos da linguagem, mas também da visão social e cultural que cada sociedade possuía sobre o papel feminino.³⁴

Fragilidades Construídas

É a partir desses conceitos e da construção do que significava ser mulher, que podemos pensar a interseccionalidade entre as mulheres e a varíola.³⁵ Na Idade Média, a beleza feminina era considerada um “trunfo perigoso”, embora essencial no contexto social. No entanto, a partir da Idade Moderna, a beleza passou a ser encarada como uma obrigação, associando-se à garantia de integridade moral. Nesse período, a beleza feminina não apenas se consolidou como um símbolo de virtude, mas também se tornou um objeto de inspiração e contemplação, o que favoreceu a produção de uma vasta literatura, incluindo poemas de amor, manuais de civilidade e compêndios de receitas cosméticas. São inclusive outras doenças que vão contribuir para que a beleza se popularizasse como virtude, uma vez que a feiura era associada à inferioridade social e moral. Exemplos disso incluem as prostitutas, que eram estigmatizadas como repugnantes após serem contaminadas pela sífilis, e os pobres, que frequentemente eram associados à sarna e outras doenças dermatológicas.³⁶

A partir do exposto, não é difícil entender como a varíola se desenvolveu como um problema para as mulheres da época, já que a seqüela mais recorrente das doenças eram as manchas e marcas deixadas pelas pústulas. Há ainda diversas menções à perda de sobrancelhas

³³ PAIVA, Wilson Alves de. *A questão da mulher em Rousseau e as críticas de Mary Wollstonecraft*. *Ethic@ - An International Journal For Moral Philosophy*, [S.L.], v. 18, n. 3, 31 dez. 2019, p. 360.

³⁴ VARIKAS, 1994, p. 67-68.

³⁵ HILL COLLINS, Patricia e BOLGE, Sirma. *Como entender a História da interseccionalidade*, p. 97-131. In: HILL COLLINS, Patricia e BOLGE, Sirma. *Interseccionalidade*. SP: Boi Tempo, 2021, p. 120.

³⁶ DUBY; PERROT, 1990, p. 83-84.

e dos cabelos. E em casos ainda mais severos, a perda da visão também podia ocorrer.³⁷ A presença de uma moléstia, cuja principal seqüela era a desfiguração, teve impacto direto na vida das mulheres, em uma sociedade que muito valorizava a beleza. A preocupação com as marcas também se expressa através de receitas cosméticas presentes em livros publicados no período. Encontram-se receitas do tipo nas obras *The Toilet of Flora*, onde apresentam três remédios capazes de curar o dano causado pela enfermidade no rosto.³⁸ E ainda na *Coleção de várias receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil*, uma obra que reunia as principais receitas utilizadas pelos jesuítas nos domínios além-mar, organizadas em Roma em 1766, por um padre que havia trabalhado nesses locais.³⁹

Foi o medo causado pela moléstia que levou uma mulher inglesa a transformar profundamente o jeito como se combatia a varíola. Lady Mary Wortley Montagu, nascida como Mary Pierrepont em 1689, era a primeira filha do conde de Kingston, Evelyn Pierrepont e Lady Mary Fielding's. A sua mãe morreu em 1692, e Mary foi preparada para se tornar a anfitriã e governanta do seu pai, na altura um deputado Whig⁴⁰ A vida desta nobre seria atingida pela varíola pela primeira vez, quando seu irmão foi contaminado e acabou morrendo em decorrência da doença. Em dezembro de 1715, ela contraiu a enfermidade e sobreviveu, mas teve seqüelas: marcas permanentes em sua pele e a perda de seus cílios.⁴¹ A consternação causada pela desfiguração em decorrência da varíola ficou registrada em um dos muitos poemas que ela escreveu, intitulado *Saturday. The Small-Pox*:

FLAVIA. THE wretched FLAVIA on her couch reclin'd,

Thus breath'd the anguish of a wounded mind ;

A glass revers'd in her right hand she bore,

For now she shun'd the face she sought before.

' How am I chang'd ! alas ! how am I grown

' A frightful spectre, to myself unknown !

³⁷ OROSA, 2024, p. 22.

³⁸ BUC'HOZ, Pierre-Joseph. *The Toilet of Flora; or a collection of the most simple and approved methods of preparing bath, essences, pomatums, powders, perfumes, and sweet-scented waters*. London, Printed for J. Murray, no. 32, Fleet-Street; and W. Nicoli, St. Paul's Church Yard, 1784.

³⁹ VIOTTI, Ana Carolina; FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (orgs.). *Coleção de várias receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

⁴⁰ DAY, Gary H.; LYNCH, Jack (Ed.) *The Encyclopedia of british literature, 1660-1789*. Wiley-Blackwell, 2015, p. 946.

⁴¹ OROSA, 2024, p. 35

[...] 'The greatest good the GODS on men bestow,

'Ev'n youth itself, to me is useless now.[...]'⁴²

O poema apresenta uma preocupação direta pela perda da beleza causada pelas marcas deixadas pela varíola. No quarto verso, a autora menciona que agora evitava o rosto que antes procurava no espelho. E vai além, ao dizer que “O maior bem que os DEUSES concedem aos homens, Até mesmo a juventude, agora é inútil para mim.”⁴³ O poema ajuda a perceber a valorização dada à beleza nessa sociedade, vista também como uma obrigação, como evidenciado no verso “Nenhuma luz emprestada pode restaurar meu charme; A beleza se foi, e a roupa não existe mais!”.⁴⁴

A preocupação de Lady Mary Wortley Montagu em relação à varíola ultrapassou as fronteiras do simples interesse. Em agosto de 1712, casou-se com Edward Montagu, um político com quem teve dois filhos. Em 1716, acompanhou seu marido em sua missão como embaixador da Inglaterra em Constantinopla. Lá, ela teve contato com a variolização, a técnica geralmente envolvia a inserção intradérmica das crostas de erupção variólica (*smallpox*) em pessoas saudáveis. Registros históricos indicam que esse procedimento se originou de forma independente na China e na Índia, por volta do século XI, e se espalhou progressivamente para outras partes da Ásia.⁴⁵ Embora os métodos de aplicação pudessem variar, o objetivo central era provocar uma forma menos severa e controlada da doença, proporcionando, assim, imunidade contra a varíola. No século XVII, alguns médicos europeus já estavam cientes dessa prática, especialmente no contexto asiático, conforme indicado em registros da Royal Society. No entanto, essa técnica encontrou resistência e desconfiança entre os profissionais médicos da Europa, que demonstraram cautela ao considerá-la para aplicação.⁴⁶ Lady Montagu então passou a escrever sobre como a variolização era praticada no Oriente para outros membros da sociedade inglesa, como a enviada para a sua amiga Sarah Chisweel em abril de 1717:

Apropos of distempers, I am going to tell you a thing that I am sure will make you wish yourself here. The small-pox, so fatal, and so general amongst us, is here entirely harmless by the invention of ingrafting, which is the tenn they give it. There is a set of

⁴² MONTAGU, Mary Wortley, Lady. Saturday. The Small-Pox. In: *Six Town Eclogues with some other Poems*. Londres: M. Cooper, 1747.

⁴³ MONTAGU, 1747.

⁴⁴ MONTAGU, 1747.

⁴⁵ OROSA, 2024, p. 26.

⁴⁶ OROSA, 2024, p. 34-35.

old women who make it their business to perform the operation every autumn, in the month of September, when the great heat is abated. People send to one another to know if any of their family has a mind to have the small-pox they make parties for this purpose, and when they are met (commonly fifteen or sixteen together), the old woman comes with a nut-shell full of the matter of the best sort of smallpox, and asks what veins you please to have opened. She immediately rips open that you offer to her with a large needle (which gives you no more pain than a common scratch), and puts into the vein as much venom as can lie upon the head of her needle, and after binds up the little wound with a hollow bit of shell; and in this manner opens four or five veins. [...] The children or young patients play together all the rest of the day, and are in perfect health to the eighth. Then the fever begins to seize them, and they keep their beds two days, very seldom three. They have very rarely above twenty or thirty in their faces, which never mark; and in eight days' time they are as well as before their illness.⁴⁷

Em 18 de março de 1718, sem o conhecimento de seu cônjuge, que se encontrava em viagem, Lady Montagu realizou a inoculação de seu filho de apenas seis anos. É provável que essa prática tenha sido sugerida ou aprovada pelo Dr. Emanuel Timoti, mencionado anteriormente, possuía conhecimento sobre o procedimento. A execução da técnica foi realizada por uma senhora grega, sob a supervisão do cirurgião da embaixada escocesa, Dr. Charles Maitland. A contribuição de Lady Montagu para a disseminação do método foi significativa, estendendo-se além desse episódio específico. Ela parece ter desempenhado um papel crucial na inoculação dos três filhos do marquês de Chateaufort, então secretário da embaixada francesa em Constantinopla. Além disso, enviou cartas a Caroline de Anspach, princesa de Gales, que viria a se tornar Rainha, compartilhando informações sobre o procedimento. Tais correspondências parecem ter exercido um impacto considerável, sendo citadas por Voltaire em suas *Cartas sobre a Nação Inglesa* (1733), nas quais ele destaca o apoio real à adoção dessa prática.⁴⁸

Os filhos da princesa de Gales foram inoculados contra a varíola. Em 1721, já de volta à Inglaterra, Lady Montagu repetiu o procedimento que realizara no Oriente, desta vez em sua filha mais nova. Ela desempenhou um papel fundamental na disseminação dessa técnica no Reino Unido e, posteriormente, em toda Europa. O secretário da Royal Society e amigo de Mary, Hans Sloane, após esses feitos, dedicou-se a apoiá-la na promoção do método.⁴⁹ Lady

⁴⁷ WHARNCLIFFE, Lord (Ed.). *The letters and works of Lady Mary Wortley Montagu*. Vol. 1, London: Henry G. Bohn, York Street, Covent Garden, 1761, p. 308.

⁴⁸ OROSA, 2024, p. 34-35.

⁴⁹ OROSA, 2024, p. 34-35.

Montagu forneceu o impulso necessário para despertar a curiosidade e o interesse dos médicos britânicos sobre o tema, contribuindo decisivamente para a sua propagação. É importante sublinhar que essa atuação ocorreu em um contexto específico: a Inglaterra do início do século XVIII, marcada pela efervescência da *Royal Society* e por um intenso debate sobre os critérios de validação do conhecimento científico. Nesse ambiente, a defesa da variolização por uma mulher, ainda que aristocrática e bem relacionada, representava um gesto de transgressão, pois a produção e a circulação do saber médico eram, majoritariamente, domínios reservados aos homens. Ao enviar cartas à princesa de Gales e a outros membros da elite letrada, Lady Montagu inseria-se em redes de comunicação que, embora informais, eram fundamentais para a difusão de inovações científicas no período.

A mulher nos tratados médicos

Embora, no período histórico abordado, tenham sido produzidas poucas obras dedicadas a discutir a varíola, houve algumas de bastante relevância. E estas também discutiram como as mulheres estavam relacionadas à doença. Friso que este não é um apelo para integrar a história das mulheres a uma outra história, como também demonstrou Louise A. Tilly, mas sim para vinculá-las às outras histórias.⁵⁰ No contexto do período moderno, as mulheres também foram diretamente associadas à varíola por razões que transcendem a esfera biológica, refletindo construções culturais e simbólicas da época. Um exemplo significativo encontra-se no *Trattado unico das bexigas, e sarampo* (1683), obra escrita pelo médico lusitano Simão Pinheiro Morão, publicada sob o anagrama Romão Mosia Reinhipo. Nesse tratado, o autor estabelece uma relação específica entre as mulheres e a moléstia, indicando não apenas uma compreensão médica do tema, mas também como os discursos de gênero permeavam as interpretações científicas e sociais da doença no período.

No capítulo V, intitulado *De algumas advertências necessárias para a cura destas duas enfermidades*, o médico disserta sobre a relação entre as bexigas e o sangue menstrual, argumentando que este é de um humor maligno. A partir disso, ele adverte de que isso poderia ocorrer em algumas situações específicas, a primeira era quando se era contaminado uma segunda vez, o que era considerado raro. Para ele, esta segunda contaminação se dava quando os pacientes se alimentavam de “alimentos perversos, e das mesmas qualidades do sangue

⁵⁰ TILLY, 1994, p. 29.

menstruo, de que ellas se gerão”.⁵¹ As outras possibilidades foram descritas da seguinte maneira:

A nona advertencia he sabermos, que por doutrina de Avicena, e com elle Lazaro Riverio, de dous modos se faz o fervor ou ebulição do sangue, e delle as bexigas, ua a que estes authores chamaõ persectiva; ou depurativa, na qual só apoderecem as partes excrementicias do sangue menstruo, e as lança todas a natureza para fora, ficando a massa sanguinaria limpa, e livre daquelle mao fermento, e estas bexigas são as saudaveis, e que tal vez sem auxilio da medico se curaõ

A outra ebulição, chamaõ elles corruptiva, na qual não sò apodrecem as partes excrementicias do sangue mestruo, senão tambem a da massa sanguinaria mais pura; donde nasce serem as bexigas nascidas deste, mais malignas, e mais atriscadas, e este fevor, ou está ebulição corruptiva se dá, quando epidemicamente andaõ estes males, e por isso muita razaõ o mesmo Riveiro lhe chama, peludio da peste.

A decima, e ultima advertencia seja, que quando não bastassem as autoridades de todos os Doutores modernos, e muitos dos antigos, que nos dizem serem as bexigas, e o sarampo nascidos do sangue menstruo, de que no ventre de nossas mays nos sustentamos, nos bastaria para he dar inteiro credito a autoridade de hum taõ grande, e insigne Doutor, como Daniel Senerto, que affirma, ver muitas crianças nascidas do ventre da may, virem cheyas de Bexigas; final certo, que nem por influencia dos astros, nem pelo ar corrupto, nem por contagio algum nasceraõ as bexigas a estas crianças, senão do fervor do sangue menstruo, e das suas más qualidades, de que no ventre de suas mays se sustentam.⁵²

Neste caso, o sangue menstrual emerge como uma possibilidade de se adoecer e, como definido pelo próprio “mao fermento”. O autor explora a ideia de que o sangue menstrual seria a causa primária de enfermidades como a varíola e o sarampo, empregando metáforas que aproximam os processos fisiológicos a fenômenos de “fervor” e “ebulição”, lógicas da medicina humoral. Esse raciocínio, que mistura observações empíricas com pressupostos metafísicos e teológicos, ilustra tanto o estado das ciências médicas quanto as influências culturais e morais que permeavam as explicações científicas da época. Durante séculos, a medicina humoral constituiu o principal paradigma terapêutico no tratamento da varíola no continente europeu. Baseada no *Corpus Hippocraticum* — uma coleção de sessenta e seis tratados sobre o corpo humano e a arte médica, produzidos na Antiguidade —, essa prática remonta a Hipócrates de Cós, tradicionalmente associado tanto à redação desses textos quanto ao desenvolvimento da

⁵¹ REINHIPO, Romaõ Mõsia. *Trattado unico das bexigas, e sarampo: offerecido a D. João de Sousa. Lisboa : na Officina de Joaõ Galraõ*, 1683, p. 15.

⁵² REINHIPO, 1683, p. 15-16

teoria dos humores.⁵³ Ainda que a datação precisa dos textos seja incerta, as ideias da medicina hipocrática foram amplamente disseminadas e reinterpretadas por teóricos posteriores, como Galeno e Avicena.⁵⁴ A teoria dos humores estava profundamente enraizada na filosofia pré-socrática, particularmente nas concepções de Pólibo e Empédocles, que consideravam os quatro elementos — água, fogo, ar e terra — como os componentes fundamentais de todas as coisas.⁵⁵ Essa visão integradora entre corpo, natureza e filosofia estruturou boa parte das práticas médicas no mundo ocidental durante a Idade Moderna. Assim, concepções médicas e de gênero se cruzam.

A presença da medicina humoral é perceptível na obra de Simão Pinheiro Morão, particularmente quando o autor associa a ocorrência da varíola ao sangue menstrual.⁵⁶ Tal discurso reforça a visão predominante sobre a ação poluente e perigosa atribuída à menstruação, conforme discutido por Esteves.⁵⁷ Considerado um “mao fermento”, o sangue menstrual era interpretado como um elemento intrinsecamente perigoso, cuja putrefação poderia contaminar o corpo, especialmente em casos de febres ou epidemias. Essa visão, influenciada pela medicina humoral e pelas tradições de autores como Avicena, reforçava estigmas culturais sobre o corpo feminino, associando-o a impurezas e perigos à saúde. Assim como ocorreu na definição de “mulher” do dicionário português, há uma certa dualidade e prerrogativas sobre a mulher, mesmo sendo o sangue menstrual um elemento corrupto e de má qualidade, era sob eles que todos se sustentavam “no ventre de suas mays”.

As mulheres também são citadas em outro tratado médico produzido nesse período. Vale salientar que este foi publicado num momento de debate intenso sobre a técnica de variolização, método esse popularizado por Lady Mary Wortley Montagu. Intitulado *A dissertation on the method of inoculating the small-pox: with critical remarks on the several authors who have treated of this disease* (1721), foi publicado pelo também médico lusitano Jacob de Castro Sarmiento. A obra apresenta outra perspectiva da doença, destacando as qualidades da variolização e se afastando da medicina humoral. Esse afastamento teve início durante o Renascimento, período em que possibilitou a emergência de uma nova forma de pensar. Essa mudança está intrinsecamente associada ao conceito de técnica e ciência, além de refletir uma

⁵³ CAIRUS, Henrique F. *Da natureza do homem*. In: CAIRUS, Henrique F.; RIBEIRO JR., Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença* [on-line]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 25.

⁵⁴ CAIRUS, 2005, p. 38.

⁵⁵ BERNAL, John Desmond. *Science in History*, Volume I. Cambridge (MA): The M.I.T, Press, 1965, p. 188; CAIRUS, 2005, p. 41.

⁵⁶ REINHIPO, 1683.

⁵⁷ ESTEVES, Alexandra. *Alguns olhares sobre a menstruação*. *Ágora*, Aveiro, v. 231, jun. 2021, p. 248.

transformação na perspectiva em relação às chamadas artes mecânicas.⁵⁸ O advento de novas concepções filosóficas sobre a natureza humana, a história natural e o desenvolvimento das ciências como a matemática, física e química gerou transformações em diversos campos do conhecimento, incluindo a medicina.⁵⁹ Tais mudanças ocorreram de forma progressiva e variada ao longo dos séculos XVI a XVIII, especialmente na Europa Ocidental. Entre os aspectos relevantes, destaca-se a crítica à medicina livresca e a convergência com abordagens teóricas e empíricas, fundamentadas na observação direta. Além disso, surgiram estudos anatômicos que, de maneira significativa, desafiaram os clássicos textos da chamada “medicina humoral”.⁶⁰

Apesar de ter outra perspectiva médico-teórica, as mulheres também são mencionadas na obra de Castro Sarmiento. Mas desta vez, reforçando que especialmente o “sexo frágil”⁶¹ deveria se esforçar para implementar a variolização no Reino.⁶² Sublinhando o papel crucial que as mulheres desempenham na transmissão de cuidados à sociedade. O autor passa, na página seguinte, a discorrer sobre a variedade de opiniões que existiam sobre a origem da doença:

*Willis maintains, that the taint is first communicated by the menstrual blood to the fetus, and that the seeds of this disease received from thence are deposited in the brain and spinal marrow, which beign rous'd bu some accident, impress the infection frist upon the spirits, and bu them communicate it to the blood. But this account is so unphilosophical and unworthy so grat a man, that I am surprized such a master of reasoning could propose any thing of the like nature.*⁶³

A crítica de Sarmiento é uma clara rejeição a teorias que, em sua visão, careciam de fundamentação científica robusta, em uma época marcada pela busca por explicações mais racionais e experimentais no campo da medicina. Embora Sarmiento pareça querer se distanciar da teoria humoral, fica evidente que outros médicos no período ainda relacionavam a varíola como sendo decorrente do sangue menstrual. Assim, reflete-se um cenário de intensos debates sobre a natureza das doenças, suas origens e suas transmissões.

⁵⁸ ROSSI, 2001, p. 32-34

⁵⁹ HENRY, John. *A revolução científica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

⁶⁰ ROSSI, 2001.

⁶¹ A expressão original utilizada pelo autor é ‘Fair Sex’, que foi traduzida para melhor se encaixar ao texto.

⁶² SARMENTO, Jacob de Castro. *A Dissertation on the method of inoculating the small-pox: with critical remarks on the several authors who have treated of this disease*. Londres: Bickerton, T., 1721, p. 34.

⁶³ SARMENTO, 1721, p. 35-36.

Conclusão

A análise das relações entre gênero e as epidemias de varíola na Idade Moderna permite compreender como as construções sociais e culturais da época impactaram a vivência das mulheres. A varíola, enquanto doença de forte impacto físico e social, não apenas deixou marcas corporais, mas também moldou as expectativas e as percepções sobre o papel feminino, particularmente no que se refere à beleza e ao casamento, dimensões centrais na definição da identidade feminina na época. A partir de uma abordagem interseccional, evidenciou-se que, além das consequências biológicas da enfermidade, as expectativas sociais relativas à beleza feminina intensificaram as desigualdades de gênero.⁶⁴ Como destacado, as marcas deixadas pela varíola afetaram diretamente o *status* social das mulheres, exacerbando as fragilidades atribuídas ao sexo feminino.

A investigação dos discursos lexicográficos e médicos revelou como as práticas e concepções científicas da época estavam profundamente enraizadas em pressupostos culturais que reforçavam a subordinação feminina. Nos tratados analisados, como os de Simão Pinheiro Morão e Jacob de Castro Sarmiento, foi possível observar a persistência da teoria humoral, que associava o sangue menstrual à origem de doenças como a varíola. Essa interpretação, por sua vez, reforçava estereótipos sobre o corpo feminino, considerado frágil e suscetível a contaminações. Mesmo em contextos de ruptura epistemológica, como o defendido por Sarmiento, que promoveu a variolização como método de imunização, persistia o reforço de um discurso que colocava as mulheres como objetos passivos ou subordinados, ainda que imprescindíveis na transmissão de cuidados no espaço doméstico e comunitário.⁶⁵

A contribuição de Lady Mary Wortley Montagu, por outro lado, evidencia uma dimensão menos abordada pela historiografia tradicional: a atuação de mulheres em processos de inovação e disseminação científica. Sua iniciativa ao adotar e promover a variolização na Europa não apenas desafiou os paradigmas médicos dominantes, como também subverteu, ainda que parcialmente, as restrições impostas às mulheres na esfera pública. Essa atuação, descrita em cartas e relatos de contemporâneos, marca um ponto de inflexão na história da saúde e da medicina, ao integrar experiências femininas ao desenvolvimento de práticas preventivas que, eventualmente, transformariam o combate à varíola.⁶⁶

⁶⁴ DUBY; PERROT, 1990; HILL COLLINS, 2021.

⁶⁵ SARMENTO, 1721; VARIKAS, 1994; SCOTT, 1995.

⁶⁶ DAY; LYNCH, 2015; OROSA, 2024.

A associação entre varíola, beleza e moralidade reforçou estigmas que, ao longo do tempo, moldaram as relações sociais e culturais na Idade Moderna. Este estudo, ao problematizar as múltiplas dimensões da interseção entre gênero, ciência e saúde, reafirma a importância de integrar as experiências femininas às narrativas históricas. A compreensão de que as doenças, suas representações e seus tratamentos são construções profundamente enraizadas nos valores e estruturas de cada época permite não apenas reinterpretar o passado, mas também refletir criticamente sobre as persistências dessas desigualdades nas práticas contemporâneas.⁶⁷

Referências

Fontes

ALLEN, Francis. *A Complete English Dictionary: Containing an Explanation of All the Words Made Use of in the Common Occurrences of Life, or in the Several Arts and Sciences*. London: Printed for J. Wilson and J. Fell, at the Angel, in Pater-Noster-Row, 1765.

BAILEY, Nathan. *An Universal Etymological English Dictionary*. London: Printed for T. Osborne, 1763.

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario Portuguez, e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico...: Autorizado com Exemplos dos Melhores Escritores Portuguezes, e Latinos; e Offerecido a El Rey de Portugal D. João V*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728.

BUC'HOZ, Pierre-Joseph. *The Toilet of Flora; or a Collection of the Most Simple and Approved Methods of Preparing Bath, Essences, Pomatums, Powders, Perfumes, and Sweet-Scented Waters*. London: Printed for J. Murray, no. 32, Fleet-Street; and W. Nicoli, St. Paul's Church Yard, 1784.

KERSEY, John. *A New English Dictionary: or, A Compleat Collection of the Most Proper and Significant Words, and Terms of Art, Commonly Used in the Language*. The Fourth Edition, Carefully Revised: with Many Important Additions and Improvements. London: Printed for J. and J. Bonwicke, at the Red-Lion, in St. Paul's Church Yard, and H. Knaplock, 1739.

⁶⁷ ROSENBERG, 1992; TILLY, 1994.

MONTAGU, Mary Wortley, Lady. Saturday. *The Small-Pox*. In: *Six Town Eclogues with Some Other Poems*. London: M. Cooper, 1747. p. 32-37. Disponível em: <http://anthologydev.lib.virginia.edu/work/LMWMontagu/montagu-saturday>. Acesso em: 9 jan. 2025.

REINHIPO, Romão Mõsia. *Trattado Unico das Bexigas, e Sarampo: Offerecido a D. João de Sousa*. Lisboa: na Officina de João Galvão, 1683.

SARMENTO, Jacob de Castro. *A Dissertation on the Method of Inoculating the Small-Pox: with Critical Remarks on the Several Authors Who Have Treated of This Disease*. London: Bickerton, T., 1721.

WHARNCLIFFE, Lord (Ed.). *The Letters and Works of Lady Mary Wortley Montagu*. Vol. 1. London: Henry G. Bohn, York Street, Covent Garden, 1761.

Obras gerais

BERNAL, John Desmond. *Science in History, Volume I*. Cambridge (MA): The M.I.T. Press, 1965.

CAIRUS, Henrique F. *Da natureza do homem*. In: CAIRUS, Henrique F.; RIBEIRO JR., Wilson A. (Orgs). *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença* [on-line]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

DAY, Gary H.; LYNCH, Jack (Orgs). *The Encyclopedia of British Literature, 1660-1789*. Wiley-Blackwell, 2015.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Coords.). *História das Mulheres - Vol. 3: do Renascimento à Idade Moderna*. Edições Afrontamento, 1994.

ESTEVES, Alexandra. *Alguns olhares sobre a menstruação*. *Ágora*, Aveiro, v. 231, p. 247-266, jun. 2021.

HENRY, John. *A Revolução Científica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HILL COLLINS, Patricia; BOLGE, Sirma. *Como entender a História da interseccionalidade*, p. 97-131. In: HILL COLLINS, Patricia; BOLGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.

HESPANHA, António Manuel. *Imbecilias: as bem-aventuranças da inferioridade nas sociedades de Antigo Regime*. São Paulo: Annablume, 2010.

HOOKS, Bel. *Mulheres Negras: moldando a teoria feminista*. In: *Teoria Feminista*. São Paulo: Autêntica, 2019, p. 193-210.

MARTINS, Ana Paula Vosne. *Gênero e assistência: considerações histórico-historiográficas sobre práticas e representações*. Cadernos Pagu, n. 32, p. 421-446, 2009.

OROSA, P. R. *Caminhos da cura: epidemias de varíola na América Portuguesa (1560-1750)*. Jundiaí, São Paulo: Paco, 2024.

PAIVA, Wilson Alves de. *A questão da mulher em Rousseau e as críticas de Mary Wollstonecraft*. Ethic@ - An International Journal For Moral Philosophy, [S.l.], v. 18, n. 3, p. 357-380, 31 dez. 2019.

ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

ROSENBERG, Charles. *Framing Disease: Illness, Society and History*. In: ROSENBERG, Charles. *Explaining Epidemics and Other Studies in the History of Medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

ROSSI, Maria Antonietta. *Mestras nos primeiros anos da nossa vida*. Caderno Espaço Feminino, [S.l.], v. 34, n. 1, p. 117-138, 1 ago. 2021.

RUSSETT, Cynthia Eagle. *Sexual Science: The Victorian Construction of Womanhood*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade, v. 20, n. 2, Porto Alegre: UFRGS, 1995.

TILLY, Louise A. *Gênero, história das mulheres e história social*. Cadernos Pagu, (3), 1994.
VARIKAS, Eleni. *Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott*. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 3, p. 63-84, 2007.

VIOTTI, Ana Carolina; FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (Orgs.). *Coleção de várias receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2019.